

**CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO. V. Ora-  
tório, Congregação do.**

**CONHECENÇA.** A palavra *conhecença* é usada nos roteiros e outras obras náuticas portuguesas do século XVI para designar qualquer característica (topográfica, da flora, da coloração do terreno, etc.) que pudesse levar o piloto, quando abordasse a costa vindo do largo, a identificar o ponto em que se encontrava. Exemplo: «Jaz o Rio do Ouro e a Angra de Gonçalo de Sintra norte e sul [...]. E esta angra tem por *conhecença*, em cima do meio dela, três montes de areia; e a terra que çarra com o mar, tudo é barroca de pedra [...]» (Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, ed. Acad. Port. da Hist., Lisboa, 1954, pp. 86-87.) [L. DE A.]

**CONHECENÇAS.** Tributos pagos na Idade Média por todos aqueles que exerciam uma indústria ou comércio e que consistiam numa soma certa em dinheiro, solvida anualmente. As quantias variavam bastante de um para outro ramo de comércio, de um para outro mester, mas parece serem uniformes dentro de cada actividade e maiores para o comércio do que para a indústria. Assim, no arcebispado de Braga, em 1304, cada mercador de panos finos era obrigado a contribuir com 32 soldos, enquanto os que negociavam em fazendas comuns solviam apenas a metade e os homens que se dedicavam a qualquer dos mesteres considerados principais somente 6 soldos. [I. G.]

**CONIMBRICENSES.** Entregue o Colégio das Artes\*, em 1555, à Companhia de Jesus, os mestres jesuítas iniciaram o renovo da actividade lectiva com o intuito de compendiação do saber filosófico e respectiva actualização em função dos novos métodos que a experiência humanista tinha propiciado. De acordo com os propósitos da Companhia de Jesus, que exigiam nova posição ideológica orientadora da acção no mundo novo,urgia a revisão da filosofia de S. Tomás, expressão profunda dos anseios do século XIII, mas agora, três séculos volvidos, exigente de conferência com as novas aquisições dos alvares do Renascimento. Era necessário, sobretudo, rever Aristóteles, estabelecer rigorosamente o texto grego, organizar a tradução latina e propor as «questões» que, tomando conta das opiniões divergentes, preparassem o estudioso para assumir a posição conveniente, sem dogmatismo, pois, afirma Fonseca, «não estou de tal modo persuadido das minhas opiniões, que não me sinta com ânimo de seguir as de outrem que pense melhor». Os homens responsáveis

por este empreendimento tiveram plena consciência da sua responsabilidade. O primeiro grupo que, por ordem do P.º Nadal, se dispunha a escrever o *Curso*, constituído por Pedro da Fonseca, Marcos Jorge, Cipriano Soares e Pedro Gomes, se não pôde levar por diante o seu intento, nem por isso deixou de estabelecer o plano e distribuir as tarefas que a cada um competia para a elaboração da doutrina unitária e sistemática que correspondia aos conselhos de Santo Inácio quando, criticando os métodos de ensino, o abuso oral da exposição, a inconveniência do ditado e a inutilidade da explicação, requeria um texto didacticamente bem elaborado. Deste esforço meritório, orientado por Pedro da Fonseca e cumprido especialmente por Manuel de Góis, a quem se deve a maior parte do trabalho, se encarregaram também Sebastião de Couto, Cosme de Magalhães e Baltasar Álvares. Sob o título comum de *Comentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu* foram publicados 8 volumes, o primeiro aparecido em 1592 e o último em 1606 e dedicados respectivamente aos livros de física, aos livros acerca do céu, aos livros sobre os meteoros, aos chamados *parva naturalia*, à ética a Nicómaco, aos livros acerca da geração e da corrupção, aos livros acerca da alma e, finalmente, à dialéctica. Todos estes comentários se destinam ao esclarecimento da obra de Aristóteles. A estes 8 volumes podemos ainda juntar as obras de Pedro da Fonseca intituladas *Isagoge Philosophica*, de 1581, *Institutiones Dialecticarum*, de 1564, e os *Comentários à Metafísica de Aristóteles*, em 4 tomos. A repercussão destas obras foi extraordinária. Numerosas edições surgiram nos meios mais cultos da época, como Lião, Colónia, Veneza, Mogúncia e Estrasburgo. Um dos livros de Pedro da Fonseca atingiu 36 edições. A fama do *Curso* não é apenas verificada pelo número de edições. Os grandes nomes da filosofia do século XVII deixaram expresso o seu testemunho sobre o valor da obra, em especial Descartes e Leibniz. O esforço dos jesuítas de Coimbra não se limitou a um regresso à escolástica tomista; o seu intento melhor se exprime interpretando-o como actualização das exigências culturais do humanismo e do anunciado renascimento na formulação de doutrina e disciplina didacticamente organizada, de tal modo que os que julgam da verdade «se apresentem não como adversários mas como árbitros». [D. S.]

BIBL.: Joaquim de Carvalho, *Descartes e a Cultura Filosófica Portuguesa*, Lisboa, 1939. J. Bacelar e Oliveira: «Filosofia escolástica e curso conimbricense», *Rev. Port. de Filosofia*, t. XVI, 1960; *Curso Conimbricense*, vol. I, com introdução de António Alberto de Andrade.